

VAQUEJADAS

A vaquejada pode ser definida como um nutrião de vaqueiros. Realizada sempre em pleno inverno, quando tudo é fartura no sertão imenso. Todos os vaqueiros de uma determinada região se reúnem ao convite do vaqueiro da fazenda onde vai ser feita a vaquejada. Todo o gado dessa fazenda, espalhado pelos campos afóra, várzeas, caatingas e carrascos, vai ser reunido e isso não constitui tarefa fácil, embora empolgante. Tudo é cuidadosamente preparado com muita antecedência: perneiras, gibões e chapéus de couro de mateiro; guarda-peitos de couro de gato-pintado, (jaguatirica); cavalos "pescoço-de-viola", os mais afamaços: aquilhadas bem encastoadas, com palmo de ferro, de forma piramidal, embainhado; selas sem cabeçotes, macias e leves; resistentes estribos de pau, largos peitorais e cabeçadas protetoras do animal; compridos laços trançados a cinco fios, de couro de burro, e que são enrodilhados, duas voltas maiores caindo sobre a anca do cavalo.

Nem sempre, porém, o que se apresenta assim é o melhor vaqueiro, é o que pratica maiores façanhas. Dizem mesmo entre êlcs: "vaqueiro encourado de novo não vale nada — tem medo de rasgar o couro". E se êle já possui êsse material durante muito tempo, duas, três vaquejadas, sem estrago nenhum, é sinal, mais do que evidente, de que não é lá grande coisa... E assim se justifica que quanto mais estarrapado — tanto melhor... O vaqueiro não teme o arranha-gato, o juá-mirim, a jurema, o serrote, cansação de boi, o quiabento, (que possui um dos espinhos mais perigosos). Já se disse, com muito acerto: "onde passa a rês perseguida passa o vaqueiro e o seu cavalo". Ora virando de um lado; ora de outro, na sela; um pé apoiado no estribo, inclina-se para a frente, tendo as rédeas de sedém numa das mãos, na outra o chicote ou o ferrão; firmando-se algumas vezes, na crina do animal, uma perna apenas apoiada na sela, o resto do corpo paralelo ao corpo do cavalo, a cabeça encostada, de lado, ao pescoço dêste. Corre o cavalo a tôda brida, qualquer que seja o campo: aberto ou fechado, e o terreno enxuto ou lamacento. Entra no mato sem procurar "claro" e sem desviar do obstáculo contanto que não perca de vista a novilha arisca ou o garrote bravo ou o touro "cupim dobrado". Cumprida vitoriosamente sua missão, trazida ao rebanho a rês que "espirrcu", o seu contentamento se torna manifesto. Comenta com os parceiros a refrega da qual escapou incólume, sem um arranhão, sem nada... Cada remendo é uma história a enriquecer-lhe o sempre pródigo exagêro, porém com muita realidade. O cavalo, amestrado, sabe voltar na "ponta dos cascos", mudando de direção à mais leve pressão das rédeas.

Poderá a vaquejada demorar uma semana, quinze dias, um mês. Nesse período todo o gado é revisto, apartado, separado, selecionado: vacas defeituosas ou velhas ficam prêsas para a engorda ou venda; lotes de bois, separados por idade, serão objeto de negociações com boiadeiros que os arrastarão em longas caminhadas, para o sacrifício no mercado de Feira de Sant'Ana. (Mais de um autor já se referiu às boiadas e aos boiadeiros, título sugestivo para uma obra de vulto, retratando todo um aspecto da vida, no norte do país). Marruás que são transformados em marrueiros e garrotes em bois... E por fim "a ferra", a assinalação dos bezeros apanhados durante o ano. E' interessante notar que pelo sinal feito na orelha da criação o vaqueiro sabe a idade de todo o gado da fazenda: um mesmo sinal repetido em períodos certos: canzil, forquilha, canto de porta, buraco de bala, etc.

À medida que o gado é separado, vai sendo sôlto, devidamente assinalado — tosada a ponta da cauda ou sedenho — salvo-conduto que o livrará de nova prisão. Muitas reses nunca viram o curral e em tôrno destas gira tôda a festa da temporada. Serão batidas, dominadas, derrotadas, laçadas, trazidas ao rodeio, custe o que custar. E justamente aí será demonstrada a perícia do vaqueiro: quanto ma's bravia a rês tanto maior o seu feito e o seu triunfo.

ROSALVO FLORENTINO DE SOUSA

